



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JULIO DE MESQUITA FILHO”**  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS  
EXATAS



---

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

---

**A FISILOGIA DA PAISAGEM E AS POTENCIALIDADES  
TURÍSTICAS AO LONGO DO PERCURSO HISTÓRICO  
DA SERRA DA BOCAINA – SP.**

**ALAN PETERSON LOPES**

**2012**

A FISILOGIA DA PAISAGEM E AS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS AO  
LONGO DO VALE HISTÓRICO DA SERRA DA BOCAINA - SP

ALAN PETERSON LOPES

Orientador: Prof. Dr. Samuel Frederico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Rio Claro, para a obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro – SP,  
2012

G330.9 Lopes, Alan Peterson  
L864f A fisiologia da paisagem e as potencialidades turísticas ao longo do vale histórico da Serra da Bocaina - SP / Alan Peterson Lopes. - Rio Claro : [s.n.], 2012  
36 f. : il., fots., mapas

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Orientador: Samuel Frederico

1. Geografia econômica. 2. Análise da paisagem. 3. Turismo. I. Título.

ALAN PETERSON LOPES

A FISILOGIA DA PAISAGEM E AS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS AO  
LONGO DO VALE HISTÓRICO DA SERRA DA BOCAINA - SP

Trabalho de Graduação apresentado ao  
Instituto de Geociências e Ciências  
Exatas - Câmpus de Rio Claro, da  
Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho, para obtenção do grau de  
Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

Samuel Frederico (orientador)

Magno de Lara Madeira Filho

Plinio Marcos Dainezi

Rio Claro, 08 de Outubro de 2012.



Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

*Aos meus pais, por estarem sempre  
ao meu lado, não importa a distância.*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, gostaria de deixar claramente registrado todo o meu amor e gratidão a meus pais, Neide e Luiz Carlos, que admiro tanto por suas virtudes e sabedoria. Obrigado mãe e pai pelo apoio incondicional durante todos os anos da minha vida.

Aos meus irmãos Willian e Giulian e à minha irmã Joyce pela convivência, pelas intrigas e desenrolar de ideias.

A minha vó Cida por todo amor e sabedoria que me transmitiu. A minha avó Adelaide e meu avô Carlos, que sempre se preocuparam comigo.

A minha namorada Camila, por todos os momentos de reflexão e indignação perante a Universidade e pelo mais importante, o nosso amor que só cresce com o tempo.

Aos meus amigos da vida Rev2, Liandro, Yuri, Emoxinha, John e Abbul pelos rolês doidos, pelas risadas e pelos momentos de reflexão.

Aos meus amigos, irmãos e parceiros de república, Jé Airplane, Pira, Yuri e Charlie por tudo aquilo que passamos juntos nestes longos anos de estudo.

À GeoSaga e seus membros Vinão, Slim, Abbul, Mariano, Plínio e Prof<sup>o</sup>. Gilberto pelas novas e malucas ideias que virão a dar ótimos resultados ainda.

Ao professor, amigo e orientador Samuel Frederico pela força e ensinamentos sobre nossa ciência tão complexa.

Aos amigos do DAEE, Vinicius, Adriano, Lucas, Otávio, Déborah, Solange e Fernanda.

E por fim, ao meu cachorro e amigo mais fiel Nietzsche que esteve todos os dias ao meu lado durante a escrita deste trabalho.

## RESUMO

A região compreendida pelas cidades paulistas do Vale Histórico da Serra da Bocaina tem a sua formação intimamente ligada à cultura do café, que ali se instalou durante o século XIX trazendo, em um primeiro momento, um grande crescimento econômico e populacional. Porém, com o passar do tempo, o desgaste dos solos da área aliado aos movimentos antiescravagistas e a descoberta de solos mais férteis no oeste de São Paulo, dentre outros fatores, trouxeram graves reveses para a produção cafeeira da região que acaba por migrar para outras áreas, provocando uma crise econômica na região que perdura até os dias de hoje. Deste modo, este trabalho tem como objetivo realizar um estudo que parte de uma atualização do conceito de fisiologia da paisagem visando identificar os fatos físicos, ecológicos e sociais que compõem o domínio paisagístico desta região, visando compreender as reais causas e consequências da crise e quais potencialidades ainda persistem para contorná-la.

## **ABSTRACT**

The region encompassed by the cities of Bocaina's Historic Valley has your formation closely linked to the coffee's culture, that were installed during the nineteenth century bringing, at first, a great economic and population growth. However, with the time, the incorrect wear land of the area combined with the antislavery movement and the discovery of more fertile soils in western of São Paulo, among other factors, brought serious setbacks for coffee production in the region which ultimately migrate to other areas, causing an economic crisis in the region that endures to this day. Thus, this paper aims to conduct a study that part of an update of the concept of physiology landscape to identify the physical, ecological and social facts that make up the area of this region, to understand the real causes and consequences of the crisis and what potential persist to circumvent it.



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Localização da área de estudo.....	09
Figura 2: Paisagem típica da Serra da Bocaina.....	17
Figura 3: Os sítios urbanos são todos localizados em alvéolos entre os morros .....	19
Figuras 4: Ocupação irregular das encostas no município de Bananal .....	19
Figuras 5: Ocupação irregular das encostas no município de Bananal.....	19
Figura 6: Antigas marcas de cafezais ao longo da vertente do morro .....	20
Figura 7: Processo de voçorocamento.....	21
Figura 8: Forte processo de ravinamento .....	21
Figura 9: Fazenda Pau D'Alho .....	23
Figura 10: A disputa de culturas de substituição.....	25
Figura 11: Casarão antigo deteriorado.....	27
Figura 12: Casa da Cultura de Areias .....	28
Figura 13: Cachoeira da Usina em São José do Barreiro.....	29
Figura 14: Pharmacia Popular .....	30
Figura 15: Sobrado de Dona Laurinha .....	30
Figura 16: Antiga estação ferroviária de Bananal .....	31

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E DISCUSSÃO METODOLÓGICA.....</b>	<b>122</b>
<b>2.1 A Observação, o principal procedimento metodológico.....</b>	<b>144</b>
<b>3. A FISILOGIA DA PAISAGEM NO PERCURSO HISTÓRICO DA BOCAINA..</b>	<b>166</b>
<b>4. O TURISMO NO VALE HISTÓRICO: UMA POSSIBILIDADE DE REESTRUTURAÇÃO.....</b>	<b>266</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>322</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>344</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar, através do estudo da paisagem, a formação e o desenvolvimento da região compreendida pelas cidades localizadas ao longo da Serra da Bocaina no estado de São Paulo (figura 1). Trata-se de compreender a atual situação da área partindo da fisiologia da paisagem (Ab'Sáber, 1969), identificando-se os diversos elementos que compõem este domínio paisagístico.

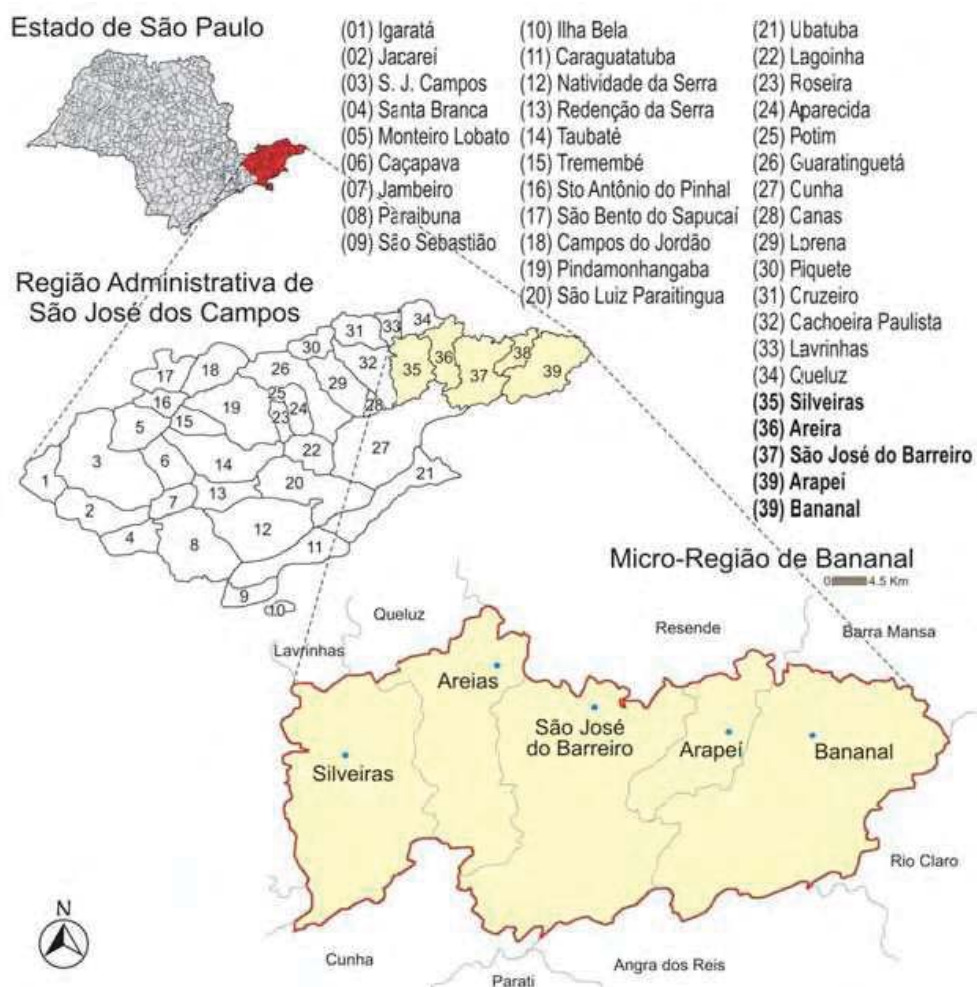


Figura 1: Localização da área de estudo. Fonte: Mamberti, 2006.

Tal domínio paisagístico encontra-se inserido no grande domínio de Mares de Morro Florestados caracterizado pelos morros mamelonares cobertos por florestas tropicais (Ab'Sáber, 2008). Este grande domínio

tem mostrado ser o meio físico, ecológico e paisagístico mais complexo e difícil do país em relação às ações antrópicas (...). Trata-se, ainda, da região sujeita aos mais fortes processos de erosão e movimentos coletivos de solos em todo território brasileiro (faixa da serra do Mar e da bacia do Paraíba do Sul). (Ab'Sáber, 2008, p.17).

O setor da Serra da Bocaina localiza-se na bacia do Paraíba do Sul, portanto trata-se de um domínio paisagístico bastante complexo e fortemente alterado pelas atividades econômicas que ali se desenvolveram.

Dentre tais atividades, destaca-se a cultura cafeeira que durante o século XIX se apresentou na região como a principal atividade econômica paulista, trazendo às cidades da Serra da Bocaina um grande crescimento econômico e populacional, mas também uma grande devastação do meio natural.

Em 1836, esta região concentrava aproximadamente 88% de toda a produção cafeeira do Brasil e contava com uma população de mais de 100 mil pessoas. Com o passar do tempo, o café avançava cada vez mais para outras regiões, e as cidades do Vale Histórico começavam a perder sua hegemonia produtiva (Milliet, 1982).

Em 1886, apesar de sua produção cafeeira ser quatro vezes maior que em 1836 (cerca de dois milhões de arrobas) e sua população ter triplicado (aproximadamente 340 milhões de pessoas), a região respondia somente por 20% do total de café produzido (Milliet, 1982).

A migração da cultura do café para outras regiões era iminente. Já no início do século XX, devido a crescente instrumentalização do território de São Paulo, a descoberta de solos mais férteis no oeste paulista e os reveses do movimento antiescravagista sofridos pelos barões do café do vale paraibano (Matos, 1990), a região adentra um período de crise e grande decadência econômica.

As cidades localizadas na região passam a serem conhecidas como “cidades mortas”, alusão de Monteiro Lobato a esta crise econômica que assola a região desde a primeira metade do século XX até os dias de hoje.

Diversas são as tentativas de contornar a crise, culturas de substituição e outras atividades econômicas, destaque para a atividade turística, ainda tentam ali se desenvolver, porém encontram várias viscosidades ou rugosidades em seu caminho.

O solo totalmente arrasado pela cultura cafeeira há mais de um século, o relevo bastante movimentado, a falta de sistemas de engenharia para o escoamento

da produção são as principais dificuldades encontradas na região para as culturas de substituição.

Neste cenário, a atividade turística desponta como uma das mais favoráveis a se instalar na região. Por um lado, o relevo movimentado e o grande número de quedas d'água são fatores favoráveis para o desenvolvimento do ecoturismo, por outro, a presença de fazendas centenárias, museus e outros edifícios da época áurea do café favorecem a implementação do turismo histórico.

Porém, como já dito, assim como as culturas de substituição, a atividade turística também encontra dificuldades devido à falta de infraestrutura, a principal rugosidade da região para a instalação de atividades geradoras de capital.

Portanto, este trabalho tem como objetivo central realizar um estudo sobre as potencialidades paisagísticas, sob a ótica da fisiologia da paisagem, ao longo do percurso histórico da Serra da Bocaina no estado de São Paulo, identificando os elementos e as funções que compõem este domínio paisagístico.

Para efetuar o estudo, configurou-se o trabalho em quatro partes, sendo a primeira uma discussão teórico-metodológica sobre o conceito de fisiologia da paisagem aplicado à análise geográfica que conjuntamente com o método histórico-dialético fornecerá o arcabouço metodológico para o desenvolvimento do trabalho. A segunda parte fará uma análise que, através da fisiologia da paisagem, buscará entender os aspectos históricos e a produção do espaço geográfico na área. A terceira parte buscará identificar algumas das principais potencialidades turísticas e entender a atual situação da região no que diz respeito às dificuldades para instalação do turismo como uma atividade econômica relevante. E, por fim, na quarta e última parte, as considerações finais que tentará apontar algumas soluções viáveis para o reordenamento da região.

## 2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E DISCUSSÃO METODOLÓGICA

O presente trabalho fundou-se na análise da paisagem como base para o entendimento do espaço geográfico do Vale Histórico da Serra da Bocaina. Trata-se de um estudo efetuado a partir de uma atualização da concepção de fisiologia da paisagem (Ab'Sáber, 1969) aplicada, desta vez, aos estudos de cunho geográfico e não meramente geomorfológico.

O conceito de fisiologia da paisagem busca romper com a rigidez da categoria paisagem. Para Engels, a fisiologia é

a prova mais racional e finalmente, a identidade evidente das forças da natureza e sua interconversão pondo fim a toda rigidez das categorias. (Engels, 1979, p.127)

A paisagem, portanto, não deve ser entendida somente através de sua fisionomia ou morfologia como propõe a geografia clássica francesa. A paisagem não é estática, é mutável, o estudo da fisiologia trata a paisagem em movimento, e não como uma mera materialização de um instante da sociedade no espaço.

Busca-se ir além deste pragmatismo secular, pois a fisiologia como prova mais evidente da dialética racional (Engels, 1979) se apresenta como uma categoria fluida. E o conceito de fisiologia da paisagem, portanto, é um conceito híbrido, pois procura entender o funcionamento da paisagem através das formas cristalizadas no tempo numa dada porção do espaço.

A fisiologia da paisagem vai além do visível, compreende os processos passados, responsáveis pela compartimentação regional da superfície, e atuais que respondem pela dinâmica atual da paisagem (Vitte, 2007). Portanto

um cotejo entre a fisiologia de uma paisagem primária e aquela pertencente a uma área similar e contíguo, porém fortemente marcada por influências antrópicas predatórias, é de todo recomendável para consubstanciar o conhecimento da fisiologia original ou primária de um determinado domínio paisagístico. (Ab'Sáber, 1969, p.02)

A paisagem seria então o resultado da combinação dinâmica de elementos físicos, biológicos e humanos que reagem dialeticamente uns sobre os outros,

tornando a paisagem um conjunto único e indissociável (Bertrand, 1978 apud Cavalcanti e Viadana, 2007), seria uma porção do espaço resultante da combinação de fatos visíveis e invisíveis e interações as quais, num dado momento, não percebemos senão o resultado global (Tricart, 1982 apud Passos, 1996).

Deste modo não devemos analisá-la como um geossistema como propõem Sothava (1977) e Bertrand (1971), pois se sabe que os elementos físicos, biológicos e humanos que atuam na paisagem não têm pesos equivalentes, dependem dos eventos ocorridos no local em que se encontram. Derivam, portanto, tanto dos *domínios morfoclimáticos e fitogeográficos* (Ab'Sáber, 2008), como da *formação socioespacial* (Santos, 2005).

Os *domínios morfoclimáticos e fitogeográficos* respondem preponderantemente pela dinâmica natural da paisagem que também é afetada pelas práticas sociais e são definidos como

um conjunto espacial de certa ordem de grandeza territorial – de centenas de milhares de quilômetros a milhões de quilômetros quadrados de área – onde haja um esquema coerente de feições de relevo, tipos de solos, formas de vegetação e condições climático-hidrológicas. Tais domínios espaciais, de feições paisagísticas e ecológicas *integradas*, ocorrem em uma espécie de área principal, de certa dimensão e arranjo, em que as condições fisiográficas e biogeográficas formam um complexo relativamente homogêneo e extensivo. (Ab'Sáber, 2008, p. 11-12)

A *formação socioespacial* é responsável por entender a artificialidade da paisagem, a forma de apropriação de um determinado espaço pela sociedade. A formação socioespacial é a linguagem dos modos de produção expressa em um determinado território e sua determinação geográfica é seletiva reforçando, desta maneira, a especificidade dos lugares (Santos, 2005).

A paisagem, como uma fração do espaço, expressa estas especificidades dos lugares, e é resultado da atuação das forças da natureza e das práticas da sociedade, pois “a realização concreta da história não separa o natural e o artificial, o natural e o político” (Santos, 2009, p.101).

Então, pode-se dizer que a paisagem é uma *herança*,

herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades. (Ab'Sáber, 2008, p. 9)

Deste modo, a paisagem não é somente produto do clima e da geologia, mas é muito mais um reflexo da técnica agrícola ou industrial, da estrutura econômica ou social (Monbeig, 1940 apud Silva, 2002), ou melhor, como propomos aqui, é reflexo da própria formação socioespacial (Santos, 2005).

O domínio paisagístico compreendido pelo Vale Histórico da Bocaina guarda heranças que nos permite realizar uma análise da paisagem confluindo os diversos ramos da Ciência Geográfica. Por exemplo, um estudo que parte da fusão entre a Geomorfologia, a Edafologia, a Geografia Agrária e a Agronomia como nos propõe Tricart, buscará nos usos passados do solo agrícola as origens do desgaste dos solos atuais (Moreira, 2003), nos fornecendo recursos teóricos para o auxílio do reordenamento desta região.

Portanto, a paisagem analisada através de sua fisiologia rompe a dicotomia tão reproduzida em nossa ciência: Geografia Física e Geografia Humana. O que se propõe neste trabalho é o tratamento de uma única Geografia, uma Geografia integrada que busca entender a dinâmica de todos os elementos que atuam no espaço e resultam na paisagem.

## **2.1 A Observação, o principal procedimento metodológico.**

Para se realizar um trabalho de análise da paisagem a partir desta concepção teórico-metodológica, a observação se apresenta como o principal instrumento do geógrafo.

A partir dos trabalhos de campo, que tem uma importância de primeira grandeza em pesquisas deste tipo, a observação e identificação dos elementos que compõe os domínios paisagísticos oferecem os subsídios necessários para a apreensão das dinâmicas de uma determinada porção do espaço. Trata-se, portanto, de uma pesquisa com cunho fortemente empírico.

Porém, o geógrafo-observador deve ter amplo conhecimento teórico sobre a região que pretende estudar, fazendo-se necessário um grande levantamento bibliográfico tanto sobre as características de sua área de estudo como dos aportes teórico-metodológicos que promoveram a articulação entre a teoria e a pesquisa.



O trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável. Saber pensar o espaço não é colocar somente os problemas no quadro local; é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas. (Lacoste, 1985, p. 20)

Neste sentido, “a dialética baseada no trabalho de campo é, portanto, elemento indispensável da percepção objetiva dos dados de base do raciocínio científico” (Tricart, 2006), pois a observação da paisagem fundada em um método científico possibilita a apreensão da realidade objetiva pelo investigador, e a partir daí, é possível o estabelecimento de argumentos científicos para a sua interpretação (Mendes e Pessoa, 2009).

### **3. A FISILOGIA DA PAISAGEM NO PERCURSO HISTÓRICO DA BOCAINA.**

Saindo da Rodovia Presidente Dutra na altura do município de Cachoeira Paulista, adentra-se a Rodovia SP-068, mais conhecida como a Rodovia dos Tropeiros, pois se configurava como rota dos tropeiros que iam e vinham do estado de São Paulo em direção ao porto de Paraty ou da Baía de Guanabara.

Verifica-se que seu trajeto se dá por uma pista simples e bastante sinuosa que percorre em grande parte os fundos de vales. Logo, percebe-se, que a estrada que se percorre data de um tempo bastante longínquo, pois diferentemente dos trajetos mais novos, a Rodovia dos Tropeiros está quase sempre margeando o rio, denotando, portanto, que sua construção realmente seguiu uma antiga rota dos tropeiros, pois estes realizam suas rotas sempre em proximidades de corpos hídricos.

Ao redor, a paisagem expressa uma geomorfologia onde o relevo é bastante movimentado, caracterizado por morros com formas de meia laranja, e quase sempre estão cobertos por nuvens orográficas.

Ao sul ergue-se um grande maciço gnáissico, a Serra da Bocaina, que juntamente com o maciço sienítico do Itatiaia limitam a bacia de Rezende, pertencente à bacia do Paraíba (Ab'Sáber e Bernardes, 1958), na qual se localiza o trajeto e aonde se realiza as principais observações sobre as potencialidades paisagísticas da região.

Em meio ao conjunto de planaltos elevados e desnivelados, nota-se que os vales são, em sua grande maioria, de fundo chato, cujas cabeceiras têm a forma de anfiteatro e as encostas íngremes são fortemente dissecadas dando um toque bastante encantador à paisagem (figura 2).



Figura 2: Paisagem típica da Serra da Bocaina, os morros em forma de meia laranja esboçam as drenagens bem encaixadas. Ao fundo, ergue-se o grande maciço gnáissico da Serra da Bocaina, quase sempre coberto pelas nuvens orográficas. Foto do autor.

Nos cortes da estrada presenciam-se as *stone lines* que sugerem “um tipo de paleomovimento dedrítico gerado em climas semiáridos” (Ab’Sáber, 2008:52), registrando nestes espaços a ocorrência de uma grande flutuação climática no final do Pleistoceno, ligada a glaciação de Würm-Wiscosin (Viadana, 2002). Durante este período, instalou-se na região um clima semiárido, fazendo com que a vegetação de encosta úmida, até então predominante, recuasse dando espaço para o desenvolvimento da flora do Cerrado. Após o término da glaciação, a floresta atlântica voltou a retomar os espaços ocupados por ela anteriormente, porém fragmentos de Cerrado e Caatinga ainda permaneceram.

Deste modo, ao focar a observação na biogeografia local, nota-se que a pequena parcela da vegetação original que ainda se apresenta é predominantemente de campos limpos e Mata Tropical de Altitude, ocorrendo em alguns setores a presença do Cerradão e em áreas mais elevadas, redutos de Araucárias.

Porém, a predominância de pastos e de algumas capoeiras expressa uma paisagem marcada por um “deserto verde” que tipicamente não existia ali naturalmente. Técnicas inadequadas de plantio e a busca desenfreada por maior

produtividade resultaram neste cenário de grande desflorestamento sofrido pela região nos tempos áureos do café.

As altitudes elevadas, a estrutura e o relevo, próximos às áreas costeiras e sujeitas aos ventos marítimos predominantes constituem fatores primordiais para o entendimento do clima (França, 1960), que se caracteriza como um clima Tropical de Altitude com pluviosidade alta o que naturalmente favorecia o desenvolvimento da biodiversidade no local, porém, atualmente, favorecem muito mais os deslizamentos e desmoronamentos e dificultam a produção agrícola.

No inverno as temperaturas caem rigorosamente, ocorre geadas noturnas, a atividade agrícola sofre seus reveses, e os turistas que procuram trilhas, e cachoeiras não se arriscam. Com o verão e o aumento da temperatura, as cidades parecem “mais vivas”, aumenta a circulação de veículos e pessoas, as atividades turísticas se tornam mais proeminentes, porém ainda não relevantes.

A localização das cidades tem uma forte ligação com o meio natural. O avanço dos cafezais e a possibilidade de melhores condições de vida trouxeram a região uma grande população que desprovida aparatos técnicos ocupavam pequenos espaços planos que se apresentavam em meio à morraria. Portanto, as cidades possuem seu sítio urbano encaixado em alvéolos, circundados por morros (figura 3), ou seja, caracterizado pelos

“Baixos terraços, constituindo o fundo plano de um alargamento alveolar do vale de um dos pequenos rios. Algumas vezes, sendo pequena a importância do curso d’água, o sítio tem aspecto de uma grande cavidade conchoidal. Via de regra, circundado por colinas terraceadas, sítios, deste tipo são dominados em toda sua volta pelos morros que afogam o horizonte mas dão certo encanto ao local”. (Ab’Sáber e Bernardes, 1958:123)



Figura 3: Os sítios urbanos são todos localizados em alvéolos entre os morros. Foto do autor.

Apesar de estas cidades serem bastante antigas, verifica-se que pouco mudou na fisionomia original dos núcleos urbanos, com exceção feita, somente pelo processo de favelização observado na cidade de Bananal, onde se percebe a ocupação irregular das encostas (figuras 4 e 5).



Fotos 4 e 5: Ocupação irregular das encostas no município de Bananal. Foto do autor.

Tal processo de favelização pode ser explicado por Bananal ser a única das cidades que possuía uma ligação mais vantajada à ferrovia que ali se instalou no início do século XX e em parte resultou na crise do Vale Histórico. Neste sentido, Bananal foi a única cidade que conseguiu manter parte do seu crescimento

econômico atraindo cada vez mais habitantes que vinham à procura de trabalho na lavoura e acabavam por realizar trabalhos informais e muito mais voltados à economia local. Portanto, ao percorrer a cidade, nota-se que a parte histórica da cidade está tomada pelos comércios locais ou viraram patrimônio histórico, forçando parte da população a ocupar as encostas.

Percorrendo este trajeto histórico, percebem-se as manchas do passado; os morros pelados hoje são utilizados pela pecuária e ainda exibem em suas vertentes sulcos e covas, marcas de antigos cafezais (figura 6), além de ravinamentos e voçorocas evidenciando o esgotamento do solo e o avanço no processo erosivo ainda muito intensificado pelas atividades econômicas atuais, tais como a pecuária (figuras 7 e 8).



Figura 6 – Antigas marcas de cafezais ao longo da vertente do morro. Foto do autor.



Figura 7: Processo de voçorocamento devido ao desflorestamento das matas galerias. Foto do autor.



Figura 8: Forte processo de ravinamento. Foto do autor.

Por toda essa paisagem de morraria, grandiosas fazendas disputaram lugar ao longo do trajeto remetendo-nos aos tempos áureos do café. Atualmente restam apenas traços que evidenciam a riqueza dos barões que ali se instalaram no século XIX e início do século XX.

O percurso antigamente era uma das principais rotas de ligação entre o planalto paulista e a região do Baixo Paraíba do Sul até o Rio de Janeiro por onde circulava boa parte das mercadorias brasileiras. Atualmente, a estrada parece ter sido esquecida no tempo, apesar de sua cobertura asfáltica conservada em alguns trechos, o capital ainda encontra grandes rugosidades e viscosidades para se instalar. Os projetos do poder público para a restauração da estrada procuram implantar novas infraestruturas para que o capital turístico possa vir a se realizar futuramente.

As cidades de Silveiras, Areias, São José do Barreiro, Arapeí e Bananal, estão localizadas ao longo deste percurso, e demonstram de forma marcante a influência do tropeirismo. A formação desses povoados tem uma ligação intrínseca com o movimento das tropas, pois muitas surgiram por ser ponto de parada dos tropeiros no caminho que servia de ligação e posteriormente de escoamento de mercadorias de São Paulo ao porto de Paraty e de lá, por embarcação, para o porto da Baía da Guanabara. O tropeirismo, não só na região da Bocaina, mas sim por toda área do vale do Paraíba

tornou-se uma verdadeira instituição, um modo de vida, com costumes peculiares e regras bem definidas para os diversos tipos de trabalho que envolviam aquela atividade. Tornou-se, enfim, uma

autêntica cultura incorporada à sociedade e fundamental para dinamizar sua existência material. (Antonio Filho, 2009:40)

Esta forte influencia<sup>1</sup> pode ser percebida tanto nas distâncias entre as cidades que são quase equivalentes, quanto nos estabelecimentos comerciais instalados, onde diversos possuem nomes vinculados a esta fase do tropeirismo.

A fase inicial da penetração do café no estado de São Paulo se deu exatamente por esses caminhos dos tropeiros, pois os muares eram o único modo de escoar a produção. O café trouxe uma grande prosperidade para a região da Bocaina, que viu sua população crescer 40%, entre 1817 e 1836 (Milliet, 1982). Porém esta inicial prosperidade tem suas relações de produção baseada no sistema escravista, que foi assistida pela decadência da produção açucareira no nordeste e o declínio das minas, tornando a oferta de escravos farta, mesmo após a proibição do tráfico negreiro decretada pela maior potência da época, a Inglaterra.

Em 1872, a população da cidade de Bananal era composta de 53% de escravos, São José do Barreiro obtinha 44% e Areias, 33% do total de sua população, enquanto outras regiões onde o café encontrava-se em plena produção tinham sua população composta por no máximo 35% de escravos, como era o caso da cidade de Araras (Monbeig, 1984).

Deve-se considerar que nessa época o Rio de Janeiro era a capital do império, e como tal possuía uma complexidade de atividades econômicas, grandes massas de escravos eram trazidas para a capital e para a lavoura cafeeira dos arredores. José Martins de Souza assinala o papel do escravo considerado como um bem precioso na valorização da terra;

O escravo tinha dupla função na economia da fazenda. De um lado, sendo fonte de trabalho, era o fator privilegiado da produção. Por esse motivo era também, de outro lado, a condição para que o fazendeiro obtivesse dos capitalistas (emprestadores de dinheiro), dos comissários (intermediários na comercialização do café) ou dos bancos o capital necessário seja ao custeio seja à expansão de suas fazendas. O escravo era o penhor de pagamento dos empréstimos. Por isso, praticamente todo o capital de custeio provinha de hipotecas lançadas sobre a escravaria das fazendas. Tendo o fazendeiro imobilizado nas pessoas dos cativos os seus capitais, transfigurados em renda capitalizada, subordinava-se uma segunda

---

<sup>1</sup> Sobre a influência do tropeirismo no surgimento de cidades, ver: STRAFORINI, Rafael. **No caminho das tropas**. Sorocaba-SP: TCM, 2001.



vez ao capital comercial, mediante empréstimos, para poder por em movimento os seus empreendimentos econômicos, inclusive para promover a abertura de novas fazendas e adquirir equipamentos de benefício.

Esse fato teve significativas implicações na economia do café. Quando foi proibido o tráfico negreiro, houve uma acentuada e compreensível elevação no preço dos escravos. (Martins, 1981:26)

A importância do sistema escravista é facilmente percebida ao longo do percurso, onde diversas fazendas guardam ainda as características deste sistema que prevaleceu na região do Vale do Paraíba. A fazenda Pau d'Alho (figura 9), localizada entre os municípios de Areias e São José do Barreiro é um grande exemplo, nesta as informações apresentadas pelo caseiro dão conta de ter havido aproximadamente cento e cinquenta escravos trabalhando, mas pela estrutura da fazenda e pelos serviços executados no interior da mesma, acreditamos que possa ter havido mais de quatrocentos escravos nos períodos de maior expansão dos cafezais entre o segundo e o terceiro quarto do século XIX. Segundo os dados fornecidos pelos atuais moradores, eram cultivados ali cerca de 390 mil pés de café na entre safra do produto.



Figura 9 – Fazenda Pau D'Alho (Vista do pátio onde era feito a secagem do café). Foto do autor.

Apesar da economia baseada no sistema escravista ter trazido grandes riquezas a algumas famílias instaladas na região, nos primeiros anos do século XX,

também foi um grande fator de decadência da região, pois além do plantio do café ser feito com técnicas inadequadas levando o solo à exaustão e à intensa degradação (Antonio Filho, 2009), a abolição e as crises repetidas provocam o abandono rápido dos cafezais e a queda da produção (Milliet, 1982).

Além disso, há, também, a abertura de novas frentes mais férteis ao longo do oeste paulista seguindo o traçado das ferrovias, “os planaltos de São Paulo praticamente substituem o Vale do Paraíba” (Silva, 1981, p.50). Vale lembrar que a linha férrea da região do Vale do Paraíba acompanhou o traçado do rio, não perpassando, portanto, pelas cidades do Vale Histórico, dificultando o escoamento da produção. Segundo Antonio Filho (2009), Bananal foi a única cidade que conseguiu manter sua riqueza por mais tempo, pois com a importação de uma estação de trem da Bélgica pode-se ligar à cidade de Rezende e escoar sua safra pela Central do Brasil.

As cidades do Vale Histórico mergulhadas na crise, aos poucos, foram sendo esquecidas e abandonadas. Com a melhoria das condições e a reinauguração da Rodovia Presidente Dutra em fins de 1950, a Rodovia dos Tropeiros deixa de ser efetivamente utilizada como rota de ligação dos dois estados mais ricos do país, aprofundando ainda mais a crise econômica na região (Antonio Filho, 2009).

Deste modo, a população passa a migrar para outras regiões em busca de melhores condições de vida. Os barões do café acabam se endividando e uma segunda leva de migrantes vindos do estado de Minas Gerais começam a adquirir estas fazendas decadentes e a implantar a criação de gado bovino visando à produção de leite para as populações de São Paulo e Rio de Janeiro (França, 1960).

Porém, a produção de leite não retoma o crescimento vivenciado pelo café e nem tampouco se torna a solução para a crise na região que perdura até os dias de hoje.

Após mais de meio século em crise, outras culturas de substituição (figura 10) ainda tentam se instalar na região, como por exemplo, o algodão, a laranja, a cana-de-açúcar e, mais recentemente, o eucalipto, mas nenhuma obteve êxito, devido ao desgaste dos solos, falta de infraestrutura para o escoamento da produção, além do relevo bastante movimentado que dificulta muito a mecanização agrícola.



Figura 10: Percebe-se a disputa entre as culturas de substituição em relação à rentabilidade (nesta foto, temos, a criação de gado, a cultura canvieira e, ao fundo, a plantação de eucaliptos) Foto do autor.

Além das culturas de substituição, uma das atividades econômicas que parece despontar como solução para a atração de novos capitais é o turismo, objeto de discussão no capítulo seguinte.

#### **4. O TURISMO NO VALE HISTÓRICO: UMA POSSIBILIDADE DE REESTRUTURAÇÃO.**

Atualmente, tem sido discutida no Brasil a potencialidade da atividade turística em promover o desenvolvimento econômico regional. Conforme apresenta Mamberti:

Muitas regiões carentes ou estagnadas vêem no turismo uma possibilidade para a correção dos desníveis de desenvolvimento, com a expectativa de que a atividade proporcione um aumento na geração de renda e empregos e, conseqüentemente, melhore a qualidade de vida da população. (Mamberti, 2006:13)

Municípios de reduzida população e estagnados economicamente, as cidades da Serra da Bocaina, passaram a partir de 2005, incentivadas pelo Programa de Regionalização do Turismo, a discutir o desenvolvimento do turismo na região, de maneira integrada ou intermunicipal.

A cidade de Silveiras, primeira do denominado Vale Histórico, um dos palcos da Revolução de 1932, ainda possui marcas, como trincheiras nas encostas dos morros e casas destruídas na época e não restauradas até hoje, evidenciando um descaso por parte do governo em tentar preservar e restaurar o patrimônio histórico (figura 11). O centro da cidade segue o padrão de diversas cidades históricas com uma praça e uma igreja, porém há pouco comércio, e poucas pessoas circulando pelas ruas. A estrutura das mesmas ainda é de paralelepípedos e as casas muito antigas nos fornecem um bom aparato para imaginar a dinâmica da cidade no fim do século XIX, que hoje nos propicia uma visão de estagnação que já percorre longos anos.



Figura 11: Casarão antigo deteriorado (percebe-se o descaso do poder público em relação aos Patrimônios Históricos da cidade). Foto do autor.

A próxima cidade do circuito, Areias, localiza-se a mais ou menos 25 quilômetros de distância de Silveiras. Areias já possui uma maior circulação de pessoas, mas o padrão e a inércia é a mesma. Este maior movimento talvez possa ser explicado pela estrada que corta exatamente o centro da cidade, diferentemente de Silveiras, onde o movimento de pessoas se divide entre o centro da cidade e as margens da rodovia, que forma um corredor comercial. A cidade de Areias guarda forte relação com a figura de Monteiro Lobato (figura 12) que lá residiu e trabalhou pela prefeitura da cidade.



Figura 12: Casa da Cultura (Antiga casa de Monteiro Lobato). Foto do autor.

Tanto o município de Areias como o município de Silveiras tenta estabelecer um turismo histórico, porém observa-se que a falta de infraestrutura para o recebimento de turistas impõe um empecilho para o desenvolvimento de tal atividade.

Em São José do Barreiro, diferentemente das outras duas cidades, o ecoturismo se apresenta como outra possibilidade, a cidade se configura como uma estância eco turística do estado de São Paulo, oferecendo diversos atrativos naturais, como cachoeiras (figura 13) e mirantes, muitos deles localizados no Parque Estadual da Serra da Bocaina, atraindo jovens à cidade, porém a infraestrutura também é muito incipiente para receber turistas. Os poucos hotéis e pousadas que se apresentam não tem capacidade para suportar uma grande leva de turistas, a cidade não possui um comércio que possa atender às demandas externas e a estrada que liga a cidade de São José do Barreiro ao Parque Estadual da Serra da Bocaina é de chão e de difícil acesso.



Figura 13: Cachoeira da Usina localizada no município de São José do Barreiro. Foto do autor.

O turismo histórico no município é gerido por fazendas centenárias, como a Fazenda Pau D’alho citada anteriormente, que é aberta às visitas onde se pode conhecer a casa-grande e a senzala, além do grande pátio que era utilizado para secar o café.

A próxima cidade, Arapeí, é relativamente nova, emancipada em 1991 de Bananal, possui uma infraestrutura turística mais incipiente ainda, pois as atividades na cidade estão voltadas somente a alguns eventos como a própria Festa de Emancipação e atrativos naturais como cachoeiras.

A última cidade deste percurso histórico é a de Bananal, visivelmente mais movimentada que as demais, com um grande predomínio de cariocas nas ruas, apesar de ser uma cidade situada ainda em território paulista, evidenciando, portanto, a importância da ferrovia que ligava a cidade ao estado do Rio de Janeiro.

Esta também possui potencialidades no turismo histórico, onde a Pharmacia Popular (figura 15), a Fazenda dos Coqueiros, o Sobrado de Dona Laurinha (figura 16), dentre outros são grandes atrativos, porém apesar de uma dinâmica maior que as outras cidades, o município também carece de uma infraestrutura.



Figura 15: Pharmacia Popular, a mais antiga do Brasil em atividade ininterrupta. Foto do autor.



Figura 16: Sobrado de Dona Laurinha, datado de 1811 (nota-se a existência de uma pérgola ou “mourisco”). Foto do autor.

Cabe destacar, que na década de 1970 algumas construções históricas que estavam se deteriorando foram restauradas, como a Estação de Trem originária da



Bélgica (figura 17), construída com chapas de aço, pré-fabricadas e tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Antonio Filho, 2009). Esta estação, bem como os trilhos e a máquina a vapor são frutos do poderio econômico dos cafeicultores desta cidade que financiaram a construção de uma ferrovia para transportar a produção cafeeira até o porto do Rio de Janeiro na tentativa de contornar a crise econômica que estaria se instalando.



Figura 17: Antiga estação ferroviária de Bananal oriunda da Bélgica. Foto do autor.

Conforme afirma Antonio Filho (2009) o turismo busca romper com o longo período de estagnação em que passou a região, para este autor, apesar da lentidão das mudanças há indícios de que o “esgotamento do marasmo” está a caminho.

Porém, a atividade turística, assim como outras atividades econômicas que possam vir a se instalar na região, precisa ser acompanhada de uma ampla regulação por parte do poder público regional em parceria com a sociedade civil, pois o capital não cria vínculos com o local onde se insere.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto acima, constata-se que o Vale Histórico da Bocaina, apesar de ter sido em meados do século XIX uma das regiões mais promissora do Brasil, atualmente se caracteriza como um espaço “deprimido” (Antonio Filho, 2009), assolado por uma crise que perdura há quase um século.

O alto crescimento econômico que a região obtivera anteriormente pode ser percebido apenas nas manchas presentes na paisagem local; os morros pelados são o maior exemplo de como a natureza é vista somente como uma mera mercadoria.

Neste cenário, o turismo se apresenta como uma das atividades econômicas mais proeminentes, no que diz respeito ao turismo histórico e ao ecoturismo, porém a falta de uma política de investimento em infraestrutura, o descaso do poder público em preservar e restaurar os patrimônios históricos dentre outros fatores se configura como um entrave no desenvolvimento econômico do Vale Histórico.

Alguns importantes monumentos precisam ser preservados, como o histórico cemitério dos escravos da cidade de São José do Barreiro, no qual há um monumento erguido em homenagem aos 400 escravos, cujos ossos foram encontrados na fazenda Pau D’Alho. Furtos de mármores dos jazigos de barões do café e de suas famílias colaboram para agravamento do estado de deterioração.

Patrimônios históricos são de uma riqueza inestimável que não podem ficar à mercê de decisões políticas que negligenciam ou que não compreendam o seu real valor histórico-cultural.

Na tentativa de contornar tal situação, verifica-se a necessidade de um prévio conhecimento que contribua para a elaboração de um código de posturas que aborde a organização do espaço e a fisiologia da paisagem, identificando e estabelecendo os diferentes usos do território, caracterizando os processos da dinâmica natural dos terrenos com diagnósticos e avaliação dos impactos ambientais e trazendo novas políticas econômicas que visem à reintegração deste espaço “deprimido”.

Para tanto, há que se conhecer melhor as limitações de usos específicos de cada espaço. Há que se preocupar em obter indicações mais racionais para a

preservação do equilíbrio fisiográfico e ecológico (Walter Góes, 1973 apud Ab'Sáber, 2008).

Portanto, o estabelecimento de novas atividades que visem à reintegração do local, como é o caso do turismo histórico e do ecoturismo, tem que vir acompanhado de uma série de estudos e elaborado por profissionais realmente conhecedores da causa local, pois a degradação e a vulnerabilidade de tal lugar já são de grande magnitude.

As políticas de incentivo a novas atividades econômicas devem abarcar as necessidades e vontades da população local, estimulando realmente um desenvolvimento econômico regional, pois a inserção de atividades que atendem a interesses externos como foi o caso do café sempre demonstram a alta vulnerabilidade dos lugares à ação do capital que nunca cria vínculos com o local onde se insere (Santos, 2009).

## 6. BIBLIOGRAFIA

AB' SÁBER, A. N. **Um Conceito de Geomorfologia a Serviço das pesquisas sobre o quaternário** (18). São Paulo: IG USP, 1969.

\_\_\_\_\_. **Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. 5ª ed. Ateliê Editorial: 2008.

AB' SÁBER, A. N. e BERNARDES, N. **Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e Arredores de São Paulo**. Edição do Conselho Nacional de Geografia: Rio de Janeiro, 1958.

ANDRADE, M. C. **Paisagens e Problemas do Brasil**. 3ª ed. Brasiliense: São Paulo, 1970.

ANTONIO FILHO, F. D. **O “caminho novo”: o vale histórico da Serra da Bocaina – opulência e decadência da sub-região Paraibana Paulista (reintegração de um espaço geográfico “deprimido”)**. 2009. Tese (Livre-Docência em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro-SP, 2009.

ARAÚJO FILHO, J. R. O café em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 50, p. 57-82, 1976.

BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Caderno de Ciências da Terra**, 13. São Paulo: IGEO/USP, 1971.

CAVALCANTI, A., VIADANA, A. G. **Organização do espaço e análise da paisagem**. Rio Claro: UNESP – IGCE, Laboratório de Planejamento Municipal / Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2007.

ENGELS, F.. **A dialética da natureza**. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRANÇA, A. **A marcha do café e as frentes pioneiras**. guia de excursão n.3, realizado por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1960.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Seleção de Textos**, São Paulo, nº 11, 1985.

MAMBERTI, M. M. S. **Planejamento Regional do Turismo no Vale do Paraíba: Estudo de caso na micro-região de Bananal – SP**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP, 2006.

MARTINS, J. S. **O Cativo da Terra**. 2ª ed. São Paulo: LECH, 1981.

MATOS, O. N. **Café e Ferrovias**. 4ª ed. Campinas: Pontes, 1990.

MENDES, E. de P. P.; PESSÔA, V. L. S. Técnicas de investigação e estudos agrários: entrevistas, registros, de observações e aplicação de roteiros de entrevista. In. RAMIRES, J.C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009. p. 509-537.

MILLIET, S. **Roteiro do café e outros ensaios**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1982.

MODONESI-GAUTTIERI, M. C. (et. al.). **A Obra de Aziz Nacib Ab'Sáber**. São Paulo: Beca-BALL edições, 2010.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, Editora Polis, 1984.

PASSOS, M. M. **Teledeteção aplicada ao estudo da paisagem: Sudoeste de Mato Grosso**. Presidente Prudente, UNESP, 1996. Tese (Livre Docência). UNESP, 1996.

PETRONE, M. T. S. **A Lavoura Canavieira em São Paulo**. Difusão Européia do Livro: São Paulo, 1968.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed., 5ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SILVA, A. A. D. Monbeig, Paisagem e Geografia Estigmática. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 01, número 2, 2002.

SILVA, S.. **Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Alfa Omega, 1981.

SOTCHAVA, V. B. O estudo de geossistemas. **Métodos em Questão** (16). São Paulo: IGEO/USP, 1977.

STRAFORINI, R. **No Caminho das Tropas**. Sorocaba-SP: TCM, 2001.

TRICART, J. O Campo na Dialética da Geografia. **Reflexões sobre a Geografia**. São Paulo: Edições AGB, 1980.

TROPMAIR, H. Ecossistemas e Geossistemas do Estado de São Paulo. **Boletim de Geografia Teórica**. Rio Claro: AGETEO, v. 13, nº. 25, pp. 27-36, 1983.

VIADANA, A. G. **A Excursão Geográfica Didática (Pontal do Triângulo Mineiro)**. Rio Claro-SP: LPM/IGCE-UNESP, 2005.

VITTE, A. C. O desenvolvimento do conceito de paisagem e sua inserção na geografia física. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, ano 06, nº 11, 2007, pp.71-78.